

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: Política Indig. Oficial

Data: 17 de Junho de 1974

Pg.: 143

# Funai não interferirá na religião dos índios

Da Sucursal de  
BRASILIA

A Funai não pretende interferir no problema religioso de grupos indígenas já aculturados e orientados por missões católicas e protestantes, segundo o presidente do órgão, general Ismarth de Araujo Oliveira, a orientação de não se impor religião aos índios, deixando que isso seja uma opção natural do grupo, só será adotada naqueles que ainda não foram influenciados por valores religiosos tradicionais.

Embora a intenção da Funai seja dar liberdade às missões que atuam há anos junto aos índios, algumas delas estão modificando a liturgia das cerimônias, adaptando-as ao contexto indígena. Para o presidente do Conselho Indigenista Missionário — Cimi —, padre José Vicente César, os missionários devem motivar os índios a criarem suas fórmulas próprias de oração, tornando a Eucaristia uma manifestação comunitária.

Padre César defende uma modificação no arranjo do altar, da igreja e das oferendas, já que a forma usada pela Igreja Romana torna o ambiente totalmente estranho aos grupos. Segundo o presidente do Cimi, textos bíblicos e vestes litúrgicas não podem nunca ser impoéticos aos índios, devendo o sacerdote apresentar-se de acordo com o ambiente nativo, para que sua figura, que já traz um deus estranho, não entre em conflito com os povos.

Em cerimônia realizada na choupana central da roça dos bororos de Meruri, pela passagem da quarta-feira de Cinzas, padre César frisou aos índios que, de forma alguma, devem abandonar suas tradições

te a missa da ceia do Senhor, os 12 bororos enfeitados de pariko e pintados de urucu, tornaram-se apóstolos, cantando na entrada o Jureparu. Como os índios fazem banquetes rituais com bolos, canjicas ou água doce, em diversas ocasiões, também na quinta-feira Santa realizaram um, sendo distribuído após a comunhão um copo de água doce para simbolizar a união entre todos e suscitar esperança de um dia participar do banquete eucarístico e do banquete no "Reino dos Céus".

Na cerimônia da sexta-feira Santa, no momento em que foi anunciada a morte de Cristo, um grupo de bororos, homens e mulheres, romperam num pranto ritual — okudu —, acompanhado de gritos dilacerantes. Durante a adoração da cruz, na qual todos beijavam o crucifixo, os bororos entoaram seu canto mais solene, usado exclusivamente após a morte de uma pessoa. Para o padre César, o ritual funerário do grupo deveria ser assumido na liturgia católica, uma vez que a seriedade, convicção

e sinceridade com que os índios realizam estas cerimônias são exemplo de que vivem o dogma católico. Na oração universal da sexta-feira Santa, a prece pelos judeus foi substituída por uma pelos bororos e outra por todos os índios do Brasil.

No domingo de Páscoa houve imposição de nome e batismo de uma criança. A cerimônia foi assistida por grande número de índios, como é comum entre eles, e a assistência acompanhou os fatos com músicas, danças e aclamações. Na cultura bororo, os padrinhos também são responsáveis pela formação cultural e religiosa da criança e há uma escolha selecionada.

A criança tem o corpo recoberto por penugem branca — que corresponde à veste branca do ritual católico — e de resina, que segundo os bororos, dá força, vigor e resistência nas lutas da vida. Enquanto proclama o nome e assinala o programa de vida da criança, o ministro apresenta-a ao Sul, correspondente à vela acesa para indicar a luz de Cristo.